

CULTURA ORIENTAL - OS VASILHAMES ORIENTAIS

(3ª PARTE)

Como dissemos em número passado de nosso informe (“**Suryoye**” nr. 89), os livros de história do fundamental, atualmente, ensinam (indiretamente) que foi graças ao islamismo que houve o surgimento dos vasilhames orientais com a intenção de divulgar os versos do Corã que é o livro sagrado para os maometanos (em verdade eles dizem que a arte da caligrafia teve um grande avanço graças ao islamismo e isso dá a impressão de se referirem a toda e qualquer caligrafia).

Já no número passado de “**Suryoye**” (nr. 90) propusemos algumas questões que poderiam certificar ou negar tal assertiva.

Propusemos então, respondermos às seguintes questões:

1) Materiais - Havia metal na península arábica? Existiriam outros objetos idênticos ou análogos? Possuiriam tais objetos alguma serventia prática?

2) Talento humano – Era conhecida a técnica de se fazerem vasilhames em metal pelos árabes? Era conhecida a técnica de se inscreverem dizeres em metais pelos árabes? Era conhecida a técnica da caligrafia pelos árabes?

ou:

3) Seriam todas essas técnicas importadas de outras regiões e de outros povos?

4) Se tudo fosse importado, qual a principal razão para que isso ocorresse?

5) Se realmente tudo fosse importado originalmente, quando, então, o povo em questão (o árabe) passou a produzir localmente com a técnica importada?

6) Houve alguma inovação na técnica ou continuou como era e o povo em questão apenas propagou os objetos construídos conforme técnicas e materiais importados?

7) Se tudo fosse, originalmente, importado, donde era importado e qual a origem?

Essas são as perguntas que tentaremos responder para entendermos a arte dos vasilhames orientais.

Vamos às respostas.

1) Numa rápida consulta a qualquer enciclopédia comprovaremos que os vasilhames que seriam votivos, originalmente eram feitos de argila e depois de bronze, ouro, prata, cobre e ferro. Porém, na Península Arábica, terra natal do islamismo, não havia mineração de tais metais e nem produção suficiente de terra para subprodutos da argila. A península arábica é um deserto de areia. Poucas regiões são habitáveis e possuem produção agrícola insuficiente para sua população local e por isso, até meados do século passado, a maioria da população era nômade, em busca de alimentos. A resposta à 1ª parte da questão então é “não”, não havia argila ou metais para se produzirem vasilhames artísticos ou mesmo de qualquer espécie. Isso nos leva diretamente à resposta da 2ª parte, não havia produção de objetos idênticos ou análogos. A bem da verdade, até meados do século XX, se a população beduína (nômade) necessitasse de algum vasilhame, ele seria adquirido nas cidades onde passassem ou, se fosse em épocas anteriores (até a 1ª Guerra Mundial, quando os ingleses se instalaram na península arábica), tais objetos eram simplesmente roubados de outros (de fazendeiros ou comerciantes) ou obtidos em saques (que é o mesmo que roubo, conforme leis de qualquer povo). A 3ª parte dessa questão 1ª, pergunta pela serventia de tais objetos. Para os nômades, tais objetos não possuem qualquer serventia, ao contrário, são um estorvo, pois são cargas que devem ser transportadas nos lombos dos camelos ou carregadas por seus donos e isso atrasaria o ritmo da viagem, pois, como sabemos, os nômades (no caso os beduínos da península arábica) passavam a maior parte do tempo ambulando pelos desertos e somente estacionavam para fugir do sol ou das tempestades nos desertos, que são “coisa comum”.

2) A segunda questão pode ser respondida sem medo pois é decorrência da situação encontrada na 1ª ques-

OS VASILHAMES ORIENTAIS (3ª PARTE)

tão. Se não havia materiais básicos para inventarem ou desenvolverem esses objetos (vasilhames com grafia artística), claro está que não havia necessidade dos artesãos para os produzirem. Ainda mais, e já respondendo à 2ª parte dessa questão, não havia calígrafos entre os “habitantes” da península arábica e aqui citamos mais um fato, decorrente da própria língua do islamismo que é o idioma árabe. Em 1972, ao procederem à reforma da Grande Mesquita de Sana’a (a maior cidade do Yemen), foi descoberto o Corã mais antigo que se tem notícia no mundo¹. Foi datado pelos próprios islâmicos de Sana’a como sendo de 715 d.C. (ou seja do ano 93 da Hégira a qual é a data referência dos muçulmanos). Ocorre que esse livro sagrado dos maometanos (Corã) fora escrito sem qualquer ponto diacrítico. Os sinais diacríticos diferenciam as letras em árabe (e outros idiomas). Para elucidar, vamos citar um exemplo em português: o sinal sobre a letra “i”. Se não houver esse ponto diacrítico, alguém poderia ler como “e” em livros manuscritos. Veja o exemplo: lenha / linha: *pequei a linha na casa e pequei a lenha na casa*. No caso do árabe, são 11 sinais básicos que podem assumir a grafia de 33 letras (sons) ou seja muitos sinais básicos possuem sinais diacríticos que acabam por transformar completamente o som e o significado. Vejamos um exemplo. Se eu escrevesse uma frase sem os pontos diacríticos: الرحل العجوز الطيب o leitor poderia no máximo entender a primeira palavra (الرحل) que significaria “o viajante” (lido como: arahal). E o resto? Bem, o resto não possui significado; só que não foi isso o que eu quis dizer, eu queria exprimir: الرجل العجوز الطيب (pronuncia-se: arágul al’agús aTáib) e então, qualquer um que souber ler árabe entenderia que eu escrevi “o homem velho bom” (em português seria melhor vertido por: o bom homem velho). Só para exemplificar, veja que a 3ª letra da direita para a esquerda (ر) é “r” e se colocarmos um ponto diacrítico sobre ela, transforma-se em “z”, tal como é a última letra da palavra do meio (ز) e aí eu leria: “azágul al’agús aTáib” que significa: “o poema velho agradável”.

Vejamos agora como se escrevia um versículo do Corã de Sana’a² (715 d.C.) e o mesmo versículo na versão oficial, que é de 1300 d.C.³ (vamos tomar uma frase que é fácil de verificar na internet):

Corã de Sana’a: (د) بعلوكم

[o que deveria estar entre os parênteses com o tempo, ficou apagado ou a folha está destruída]

Corã Oficial (atual): حَتَّىٰ يُقَاتِلُوكُمْ فِيهِ (a palavra à esquerda, totalmente escrita em vermelho, não existe no Corã de Sana’a).

Esse é o versículo 191 do capítulo 2 do Corã, cujo título é “al-baqara” (= a vaca). Veja a diferença por causa dos pontos diacríticos (pontos e acentos).

Toda essa introdução à escrita árabe é para podermos ter uma idéia de como deve ser a inscrição num vasilhame se ele for antigo. Logo deduzimos que se houver algum vasilhame antigo árabe, e por antigo queremos dizer algo como século VII e VIII ou anterior, que seriam os dois primeiros séculos do islamismo, ou anterior a esta data, essa escrita árabe não poderá conter pontos diacríticos.

Retornando ao nosso tema, vemos, no entanto, que os vasilhames artísticos antigos e novos em idioma árabe são duma era avançada do islamismo e todos já trabalham com a grafia “oficializada” pelo Corã Oficial. Não há uma evidência de trabalho artístico com a grafia árabe sem pontos diacríticos, tal como é a grafia do Corã de Sana’a. Contudo, o que se tem é que todos esses trabalhos artísticos são do 10º século em diante.

Havia uma série de razões para isso; a primeira é aquela que apontamos aqui acima: não havia serventia prática para tais vasilhames entre os beduínos do deserto, a segunda, também apontada aqui acima, é que tais objetos eram um estorvo para quem pretendia saquear e continuar avançando, pois, os beduínos eram tribos de saqueadores, não eram produtores, até que estabeleceram um reinado em Damasco, cidade habitada, naquela época, havia mais de 3 mil anos por outro povo que não era o árabe.

É após o estabelecimento dos califas Abácidas em Bagdá em quase 300 anos, é que os árabes apresentam ao mundo objetos de arte, entre eles vasilhames de metal. E por que não antes, desde Maomé? Pelas raz-

OS VASILHAMES ORIENTAIS (3ª PARTE)

zões apresentadas acima. Além disso, como não havia serventia prática, não havia artesãos para essa indústria, a qual somente tomou corpo com a entrada dos artesãos da Mesopotâmia, os quais serviriam os califas de Bagdá (Bagdá fica na Mesopotâmia).

Indiretamente, acabamos de dizer que a produção de vasilhames com inscrições, não é árabe; foi introduzida no corpo árabe pelo povo que habitava a Mesopotâmia. As perguntas agora são: (1) esse povo mesopotâmico dominava essa técnica? (2) possuía os materiais (metais) para essa produção? (3) tinha artesãos suficientes? (4) desde quando?

Observações:

¹ A Descoberta do Corã de Sana'a: <https://www.youtube.com/watch?v=iNdvsLh128Q> - acesso em 5 de outubro de 2018.

² Página do Corã de Sana'a:

https://ipfs.io/ipfs/QmXoyvizjW3WknFiJnKLwHCnL72vedxjQkDDP1mXWo6uco/wiki/Sana'a_manuscript.html . Acesso em 5 de outubro de 2018

³ Capítulo de "a vaca" do Corã oficial; o versículo 191 foi o utilizado na comparação com o mesmo versículo do Corã de Sana'a: <https://legacy.quran.com/2> . Acesso em 5 de outubro de 2018

Ensinamentos de Nossos Mestres

Procura entendimento mais do que já tens. Sê atento para obteres o espírito que não dorme. Fala com todos conforme a vontade de Deus. Suporta a doença de todos como um guerreiro perfeito. Onde há muito trabalho também é grande o lucro. Se somente do bom discípulo gostas, graça não tens; mais ainda, aos malvados, atraí-os com tua calma; não se curam todas as doenças com um único remédio; ao raivoso, com tua mansidão acalma. Sê sábio como a serpente em tudo e aos necessitados, ingênuo como a pomba, pois, para isso és corpo e espírito. Aos que aparecem perante tí, atraí-os e aos que se escondem, pergunta por eles para que apareçam. Em nada sejas carente e terás abundância em todos os dons.

Carta de Santo Inácio, Patriarca de Antioquia ao bispo S. Policarpo in: *Corpus Ignatium*. Londres, 1849.

RITUALÍSTICA - O RITUAL DA ILUMINAÇÃO E A NOSSA MISSA

Foi no número 80 de *Suryoye* que tivemos um breve contato com a estrutura da Missa da Igreja de Antioquia, através do uso da cortina. A bem da verdade, conta-nos São Tiago de Edessa (em aramaico: **mor Yá'qūv dUrhoj**), que era uma porta que, durante o evoluir da missa, de início era fechada, abria e finalmente fechada novamente. São Tiago de Edessa faz essa descrição (* 640 d.C. +708 d.C.) sobre a Igreja Primitiva, a qual é a Igreja de Antioquia, desde a era dos primórdios do Cristianismo. Abria-se a porta e entrava o povo constituído pelos catecúmenos (ou seja, os que queriam ser batizados) e os batizados. Aí o sacerdote iniciava os preparativos da missa, depois era feita a declaração de fé, liam-se Atos dos Apóstolos, uma Carta de um Apóstolo (que é a recomendação moral e espiritual do cristão), passava-se então à homília que era dada pelo diácono mais antigo e logo esse diácono conclamava os catecúmenos a se retirarem; quando então perfilavam sob o braço estendido e a mão direita estendida do sacerdote que os abençoava. A porta era aberta, os catecúmenos saíam e somente permaneciam dentro do recinto da igreja as pessoas batizadas. Daí em diante, a cerimônia continuava até seu final.

Com a evolução do cristianismo no Oriente, a porta da igreja ficava sempre aberta e o altar somente possuía um ambiente separado através de cortina, do resto da igreja; essa isolação substituía a isolação dada antigamente pela porta, ou seja, comportava-se como se a porta “fosse levada para dentro da igreja”.

Quanto ao ritual, continuava o mesmo até o tempo de São Tiago de Edessa, quando não mais havia necessidade de os não batizados se retirassem; porém, a tradição da abertura e fechamento permanecia agora, controlada pela cortina.

O que acontece atrás da cortina?

Quando são iniciadas as orações da manhã, a cortina é aberta e todos, com o rosto voltado ao altar, fazem as orações (cantadas). Ao término da 2ª Etapa das Orações (em aramaico: **qáūmo traiono**) o sacerdote se dirige ao centro, ainda sem subir ao altar, e inicia as orações de preparação da missa. Quando ele termina essa 1ª Etapa, ele sobe, faz uma volta em torno do altar e beija cada canto do mesmo, em seguida, para no centro, um diácono fecha a cortina e ele sobe ao degrau do altar.

Ele começa a 2ª Etapa dos preparativos. Neste momento, os diáconos terminam a 3ª Etapa das Orações e cantam um Trissaguion (em aramaico: **Qadixat Aloho**), sendo a primeira estrofe composta pelos 3 primeiros versos do Trissaguion e tendo o 1º verso acrescido ao seu final de Aleluia (em aramaico: **haleluya**) e o 2º verso, de Quirieleison (em aramaico: **qūryeláison**) enquanto que ao 3º verso, nada lhe é acrescentado e termina com suas próprias palavras. Essa 1ª estrofe é cantada alternadamente, primeiramente pelo conjunto de diáconos da direita,

Palavras da Bíblia

Justo és Senhor Deus quando apresento uma causa diante de ti. Contudo, eu gostaria de discutir Contigo sobre a justiça.

Por que o caminho dos ímpios prospera e todos os pérfidos vivem em opulência?

Até quando a terra ficará de luto e a relva de todo o campo estará seca? .

Profecias de Jeremias - capítulo 12º

(continuação da página 5)

enquanto que ao 3º verso, nada lhe é acrescentado e termina com suas próprias palavras. Essa 1ª estrofe é cantada alternadamente, primeiramente pelo conjunto de diáconos da direita, depois, pelos da esquerda e novamente pelos da direita do altar. Em seguida, continua o Trissaguíon a ser cantado, porém agora, alternadamente, cada verso pelos diáconos da direita e depois pelos da esquerda. O último verso é cantado por todos os diáconos. Quanto ao povo que se encontra na igreja, o da ala direita, acompanha os diáconos da direita no cantar do Trissaguíon e o da esquerda, acompanha os diáconos da esquerda no cantar do Trissaguíon. Enquanto cantam o Trissaguíon, os diáconos colocam suas túnicas (em aramaico: **ávoiotho**) e estolas (em aramaico: **hurore**), e nos pés, seus chinelos (em aramaico: **sauône**). Observemos que há 8 (oito) melodias do Trissaguíon e cada semana deverá ser ele cantado de acordo com a melodia da semana. Quando termina o canto do Trissaguíon todos rezam, declamando mentalmente, sem voz, a oração “Pai Nosso” (em aramaico: **ávon dēvaxēmáio**) – na Igreja de Antioquia rezamos o “Pai Nosso” conforme Jesus ensinou e S. Mateus reproduziu no seu Evangelho, no capítulo VI.

Após o “Pai Nosso” tem início o Ritual da Iluminação.

O povo sente que a missa iniciou com o preparo da iluminação, com o **ritual de iluminação** também chamado, em português de **ritual das velas** ou ainda **ritual das luzes** (em aramaico é dito: **ᵀTekso dēnūhēro**). Observemos que o ritual da missa tem início com o cântico mais simbólico em que os cantores entoam o hino **“bēnuhērokᵀ hozenan nuhēro iexúᵀ mēle nuhēro”** (= através de tua luz vemos a luz, ó Jesus fonte da luz). Em geral, os cantores entoam 5 (cinco) estrofes. Essas palavras que colocamos acima formam o primeiro verso da primeira estrofe.

Quando o diácono (ou na sua ausência, pode ser um laico ou o próprio sacerdote acende a(s) vela(s) do(s) candelabro(s) que está (estão) no lado direito do altar-mor (isto é: do lado direito do sacerdote, com a cortina fechada e o sacerdote de costas para a cortina), os cantores entoam essa primeira estrofe.

Quando o diácono acende as velas dos candelabros que estão no lado esquerdo do altar-mor, os cantores entoam a segunda estrofe, cujo início é: **“hássio qádixo dēᵀ omar bēmedᵀiōrái nuhēro”** (= ó pio santo que habita as moradas da luz).

Em seguida, o diácono dirige-se ao altar menor à direita do altar-mor e acende a vela do candelabro desse altar. Nesse momento, os cantores entoam a terceira estrofe cujo primeiro verso é **“álōhu dēqábelē ēmre dēhōveil támi-mu”** (= Deus que aceitou a ovelha de Abel, o inocente). Se houver mais que um candelabro sobre esse altar, então acenderá primeiro os da direita e depois os da esquerda e tudo isso durante o canto somente dessa estrofe.

Em seguida, o diácono dirige-se ao altar menor à esquerda do altar-mor e acende a vela do candelabro desse altar. Nesse momento, os cantores entoam a quarta estrofe cujo primeiro verso é **“táu haᵀToie etᵀkaxáf uavēᵀáu xúvēqono”** (= vinde ó pecadores suplicai e pedi perdão). Se houver mais que um candelabro sobre esse altar, então acenderá primeiro os da direita e depois os da esquerda e tudo isso durante o canto somente dessa estrofe.

Enquanto isso, dois diáconos estão acendendo as velas dos candelabros móveis que serão usados durante a missa, desde o início e chegando quase até o final dela. Esses candelabros são diferentes pois não são fixos e possuem um suporte longo que o diácono usa para segurar o conjunto (vela+candelabro).

Enquanto tudo isso ocorre, os dois diáconos com os candelabros móveis ficam, no início da missa, em fila indiana dupla (um ao lado do outro), no lado direito do **“háikēlu”**(= a corte do palácio) onde está instalado o altar-mor (em aramaico: **madvēho rixôio**). Esses diáconos ficam lá postados até a abertura da cortina.

Para finalizar, já estando todos os candelabros de todos os altares acesos, os cantores entoam a estrofe de encerramento do **ritual de acendimento das velas** e que é **o ritual de iluminação da igreja**; o primeiro verso dessa última estrofe é: **“aᵀevedᵀ mor dúkᵀrôno ᵀTovo lēᵀanídᵀhe mēhaimēne”** (tenha, ó Senhor, boa lembrança dos finados fiéis).

Observemos então que durante **o ritual das luzes** as palavras são dirigidas a Deus, primeiro qualificando-O como fonte de luz que ilumina nosso caminho, depois suplicando-Lhe que não permita que nos advenha qualquer tentação, em seguida que aceite nossa oferenda seguido por um chamamento para que todos se confessem pecadores e peçam o perdão a Deus e finalmente, uma oração para que Ele se lembre de nossos pais que nos encaminharam na vereda que Ele traçou e que os tenha a Seu lado no Julgamento Final. Ao término dessa 5ª estrofe, finda-se o **Ritual da Iluminação**, abre-se a cortina do **haikelu**, tange o sino e o sacerdote começa a entoar o 1º Credo.

Em dezembro a Igreja de Antioquia comemora o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Natal e, por isso, incluímos algumas orações para essa data.

Orações de Natal

Àquele que nasceu desveladamente da Virgem sem casamento, vamos glorificar

Ao sol da justiça que resplandeceu do ventre da Virgem, todos adoramos

E sem cessar, glorifiquemo-lo por todo o sempre.

Eis ninado como uma criança, a criança mais velha que a eternidade;

*Eis que salta a seu encontro João e é carregado sobre os braços;
O velho dos dias de antigamente.*

Disse Maria a Cristo quando o gerou: como hei de Te chamar, não sei!

Chamar-Te por criança, és mais velho que a eternidade;

Chamar-Te por velho, és um bebê;

Chamar-Te-ei "raio de luz que raiou do Pai";

E vieste e iluminaste todas as criações;

Aleluia;

Bendito é Teu raio de luz e bendito é Teu surgir;

Adorado é Teu Pai que Te enviou para nossa salvação!

Significado de Nome

O nome **Débora**, como muitos nomes antigos, causa confusão no idioma que o assimila e lhe não é original. Neste caso, o nome é fenício (conhecido também como cananeu) e foi assimilado pelos israelitas em suas andanças quando retornaram do Egito e entraram na terra de Canaã. Assimilaram o nome “Débora” sem prestar a devida atenção à força que o nome tem, ao seu significado original e os sábios dessas tribos israelitas (apesar que fossem somente tribos, seus sábios também teriam uma sabedoria natural) pensaram que fosse o nome do inseto “abelha” que era dado a uma pessoa, a uma mulher (em hebraico, “*deborah*” significa “abelha”). Nosso primeiro pensamento é: “quem de sã consciência daria o nome de um inseto, um bicho, a uma pessoa?”; “por acaso alguém chamaria o filho de “cachorro” ou de “serpente” ou ainda de “touro”, por mais bravo ou astuto ou forte que fosse?”. É claro que não! Então, *Débora* não é nome de bicho. Em verdade, esse nome é composto por duas palavras: “*debor*” e “*ia*” e para que seja feminino, em fenício (no caso o hebraico é um dialeto do fenício) o feminino é indicado pela consoante terminal “*h*” (o equivalente em aramaico é a consoante terminal “*t*”). Quando olhamos o dicionário de aramaico vemos que existe uma palavra com a mesma origem que do fenício: “*dbr*” (pronuncia-se *dabar*) e que significa: ser guiado, ser administrado, ser levado. A esse termo se acrescentou “*Ya*” ou “*Iá*” que é o nome de Deus. Então, **Débora** (“*deborah*”) significa “*guiada por Deus*” ou “*administrada por Deus*”.

. Leitura recomendada: **Livro de Juízes** - capítulos 5 e 6

Palavras da Bíblia

Regozijai-vos sempre em Nosso Senhor; outra vez digo, regozijai-vos.

Seja a vossa brandura notória a todos os homens. Perto está o Senhor.

Não vos preocupeis por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplica, com ação de graças.

Ea paz de Deus, Aquele que excede tudo, guarde os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus.

Carta de S. Paulo aos filipenses - capítulo 4º

Notícias da Comunidade

- 1) Conforme havíamos noticiado no número anterior (**Suryoye** nr 90) a Diretoria Social com a intensa cooperação da Liga das Senhoras da Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria, organizou o tradicional “Chá Beneficente” em 25 de outubro próximo passado. O evento foi um sucesso. Havia mais de 120 convidados que contribuíram generosamente para as obras sociais da igreja. O evento começou às 14 horas e se estendeu até às 17 horas. Com certeza, um evento social muito agradável e com um significado moral de peso.
- 2) A Diretoria Patrimonial procedeu a mais uma reforma nos salões anexos da Igreja Santa Maria; dessa feita foi reformado o sistema hidráulico das instalações, sistema esse que tinha alguns problemas e que foram resolvidos.

A igreja somente sobrevive graças às contribuições de seus fiéis.

*Além das despesas essenciais de manutenção, a Igreja contribui com o **Óbulo Petrino** (contribuição ao Patriarcado de Antioquia); essa contribuição anual vai para a ajuda dos órfãos das guerras no Oriente .*

No Brasil, a Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria auxilia os refugiados de guerra e outras pessoas necessitadas.

*A contribuição de cada um, desde que feita de coração, ajudará muito nossos semelhantes. **Contribua!***

Toda contribuição poderá ser feita com depósito na conta da Igreja:

Banco: Santander

Agência: 2174

Conta Corrente: 130002129

